

TRAGÉDIA

Adolescentes de 13 e 17 anos morrem afogadas durante passeio de barco no lago. Outras duas meninas foram salvas por pedreiros

Edson Gê



BOMBEIROS RESGATARAM OS CORPOS DAS AMIGAS LILIANE DA SILVA, 13 ANOS, E MARLUCE DA SILVA, 14, QUATRO HORAS DEPOIS DO AFOGAMENTO

DF - Jago

Desespero no Paranoá

Renato Alves
Da equipe do Correio

O passeio terminou antes da hora. Quatro amigas foram se divertir no Lago Paranoá, mas a tarde de lazer teve um desfecho trágico. Gleiciane Maria de Oliveira, 13, e Priscila Corrêa, 17, morreram afogadas. Foram encontradas por mergulhadores do Corpo de Bombeiros quatro horas depois do início do passeio de barco que as levou à morte. A pequena embarcação de madeira afundou a 50 metros da margem. As outras duas meninas que as acompanhavam tiveram mais sorte. Liliane Pereira da Silva, 13, e Marluce Marques da Silva, 14, contaram com a ajuda de dois pedreiros.

As amigas se encontraram na casa de Priscila, um barraco de madeira nos fundos da chácara 19 do conjunto 6 da QL 5, no Lago Norte, depois da aula. Haviam avisado aos pais que iam fazer um trabalho de escola. À exceção de Priscila, que não completou o primeiro grau e dedicava quase todo o tempo à filha Gisele, 3 anos, e ao pai Joaquim, 72, todas são alunas da 7ª série da escola Celan, na QI 6 do Lago Norte. Liliane, Marluece e Gleiciane eram colegas da irmã mais nova de Priscila, Raquel, 14.

Foi Priscila quem sugeriu o passeio no barco da família. Segunda

a mãe, Alvina Corrêa, 48, a adolescente era exímia nadadora. "Costumava atravessar nadando o lago para visitar uns amigos nossos do outro lado", contou a mulher.

As quatro espremeram-se no pequeno barco. Eram 13h30. Gleiciane, Liliane e Marluece queriam conhecer a *Prainha do Vargão*, no Condomínio Privé. O passeio durou 15 minutos. Depois da metade da travessia — haviam navegado cerca de 200 metros —, o barco começou a ser tomado pela água, que entrava por uma fresta. Em segundos, o barco afundou. As meninas se desesperaram. Priscila era única que sabia nadar.

Ao ouvir os gritos de socorro, os pedreiros Gilson dos Reis e Geraldo Miguel de Souza, ambos de 39 anos, largaram as colheres que usavam para cimentar as pedras do cais que construíam às margens do lago. Correram para o primeiro barco que vieram. Quando chegaram perto das meninas, Gleiciane e Priscila já haviam afundado no lago. Só tiveram tempo de pegar Liliane e Marluece.

"ELAS QUERIAM SUBIR"

"Elas queriam subir. Mas não dava porque o barco era pequeno e ameaçava virar. O Gilson pegou nas mãos delas. As duas se abraçaram. Eu remava o mais rápido possível",

lembrou Geraldo. "Fiquei feliz e triste ao mesmo tempo. Salvei duas, mas não consegui salvar as outras duas", emendou Gilson.

As amigas sobreviventes choravam copiosamente à margem do lago. Chamavam pela amiga. Foram levadas pela patroa da mãe de Liliane em uma caminhonete, antes mesmo que os pais de Marluece a vissem. Os bombeiros chegaram ao local às 14h45. Foram chamados por um pescador, que teve de ir até o Pa-

ranoá em busca de um telefone.

A busca, feita por oito mergulhadores, começou às 15h. Só terminou às 18h, quando encontraram os corpos de Gleiciane e Priscila, um próximo do outro, a seis metros de profundidade. Estavam descalças, vestidas de bermudas e camisetas de malha.

O trabalho dos bombeiros foi acompanhado por parentes das vítimas. A mãe de Priscila era consolada pelos pais de Marluece, o borracheiro Ivan Marques

Silva, 37, e Francisca Silva, 34. Alvina não acreditava na morte da filha. "Ela sabe nadar, não ia acabar assim", dizia. Foi para casa, levada por Ivan, sem ver o corpo da filha ser trazido para a margem pelo barco dos bombeiros.

Pai de Gleiciane, o vigilante Antônio Carlos de Oliveira, 43, estava mais conformado. Só saiu da margem ao ver o corpo da filha. Já a irmã dela, Cristiane, 18, não se curava as lágrimas. "Ela adorava ver desenho, principalmente o do Pica-pau. Também não largava o roller (patins)", falava de Gleiciane.

QUINZE MORTES NO LAGO ESTE ANO

Dados do Sistema de Mortalidade da Fundação Nacional de Saúde apontam para o crescimento no número de mortes por afogamentos no DF desde 1997, quando foram anotadas 47 ocorrências. No ano seguinte foram registrados 54 casos e em 1999, 78 pessoas morreram afogadas entre DF e Entorno. A tendência realmente parece de crescimento. Enquanto em todo o ano passado o 1º Batalhão de Busca e Salvamento, do Corpo de Bombeiros, realizou 44 resgates de afogados em rios, lagoas e cachoeiras, só no primeiro semestre deste ano foram 43. Pelo menos 15 mortes por afogamento ocorreram no Lago Paranoá este ano. Em 28 de março, três meninas foram se divertir no lago. Duas morreram afogadas.